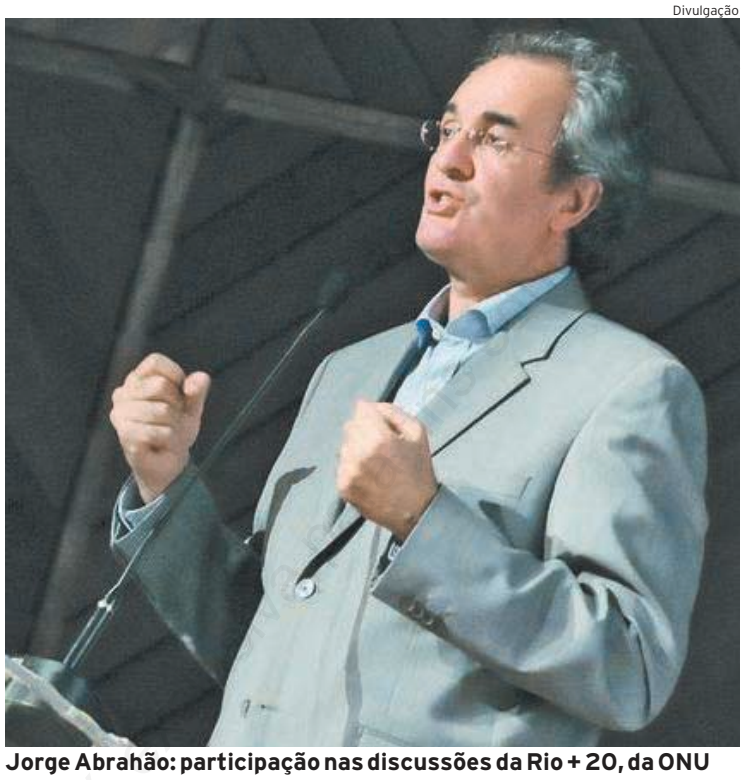
Empresas querem discutir outro modelo de desenvolvimento

Através do Instituto Ethos, gigantes como Vale, Itaú, Natura vão ajudar a elaborar o documento oficial que será entregue à ONU

Gabriela Murno, do Rio
gmurno@brasileconomico.com.br

Divulgação



Jorge Abrahão: participação nas discussões da Rio + 20, da ONU

FALTAM 71 dias RIO+20

Grandes empresas como Suzano Papel e Celulose, Natura, CPFL Energia, Vale, Walmart, Itaú-Unibanco e Souza Cruz serão representadas pelo Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social na Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, Rio+20, que será realizada entre os dias 13 e 22 de junho, no Rio de Janeiro. Para Jorge Abrahão, presidente do instituto, a importância do evento é apontar políticas para que o novo modelo de desenvolvimento sustentável seja pensado a longo prazo. "A Conferência deveria partir da constatação de que as crises que vivemos fazem parte do esgotamento do sistema atual. Temos que perguntar: qual é o novo modelo de desenvolvimento sustentável? E pensar políticas que nos apontem caminhos para esse desenvolvimento", acrescenta.

Segundo Jorge, a Instituição foi convidada a participar do Comitê Nacional da Rio+20 pelo governo. "Ajudamos a elaborar o documento brasileiro entregue à Organização das Nações Unidas (ONU) e vamos participar das discussões paralelas à Conferência", afirma. Entre as propostas encaminhadas, ele destaca o estabelecimento de padrões mínimos de operação sustentável para as empresas. "Um padrão é essencial, pois seria criado dentro dos países, mas também entre os países. Assim, haveria maior competitividade e diminuição das desigualdades", completa.

Mercado de carbono

Outras propostas como a precificação e criação de um mercado interno de carbono e a adoção progressiva de um novo padrão nacional de contabilidade para mensuração do desenvolvimento também estão no foco das discussões. "Precisamos cobrar pelas emissões de carbono. Isso precisa ser regulamentado. Entendemos que a regulamentação será um dos indutores de políticas para que empresas avancem em novas e outras matrizes energéticas. Quando ao padrão nacional, o novo desenvolvimento sustentável tem que ir além do Produto Interno Bruto (PIB). Os governos teriam que atuar em função desse novo padrão de medição, que englobaria, por exemplo, a qualidade de vida do cidadão", completa.

> Entre as propostas encaminhadas, está o estabelecimento de padrões mínimos de operação sustentável para as empresas

Para o presidente, tanto o documento brasileiro quanto o rascunho do documento final elaborado pela ONU apresentam problemas. "Eles são documentos retalhados. No rascunho, isso acontece pela forma escolhida pela ONU para construí-lo, em que os parágrafos são comentados por todos os países. Mas, em ambos, não há nada inspirador, nenhum fio condutor. Eles deveriam fazer uma análise do momento que vivemos e trazer as ferramentas necessárias para que cheguemos ao desenvolvimento sustentável, o que não acontece", frisa.

As polêmicas não param por aí. A economia verde também está no centro dos debates. "Para nós não existe só economia verde. Ela tem que ser pensada como uma economia competitiva, inclusiva, de respeito ao meio ambiente e que, além de tudo seja ética. As discussões entre a sociedade civil, empresas e governo sobre o tema não podem deixar de lado essas e outras dimensões, pois são uma forma de reduzir as desigualdades dentro e entre os países", finaliza. ■

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 10 abr. 2012, Primeiro Caderno, p. 11.